



Universidade: presente!

UFRGS
PROPESQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Curso de vida e trajetória delinquencial: diálogos possíveis e impossíveis em uma experiência de pesquisa interdisciplinar

Autor: Jaime Gaspar (UFRGS) | Orientadora: Prof^a Rose Gurski (UFRGS)

INTRODUÇÃO: Este trabalho surge a partir da experiência com o projeto **Curso de vida e trajetória delinquencial: um estudo exploratório dos eventos e narrativas de jovens em situação de vulnerabilidade**, cujo objetivo é estudar o percurso de vida de jovens reincidentes do sistema de socioeducação em POA/RS durante o ano de 2015, a fim de contribuir com a construção de políticas públicas. Trata-se de uma parceria com professores do curso de Psicologia e Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No RS, a pesquisa ficou a cargo do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC - Eixo 3). O projeto se divide em duas etapas: (1) Coleta e análise preliminar de 96 Planos Individuais de Atendimento (PIA) dos adolescentes da amostra; (2) Entrevistas individuais e aplicação de questionário em 20% dos adolescentes que fizeram parte da primeira etapa, sorteados de forma aleatória.

PROBLEMATIZAÇÕES: Em 2019, quando passei a integrar a pesquisa, o grupo já vinha adensando suas discussões metodológicas acerca das potências e impasses que surgem quando, desde a psicanálise, nos colocamos em diálogo com outros saberes, tal como a sociologia e, com outros campos, como a socioeducação, gerando tensões e torções em via dupla (Gurski, no prelo). Nesse sentido, escolhi tomar um recorte dessa discussão a partir da análise dos questionários que foram elaborados, sobretudo, considerando alguns aspectos dos paradigmas sociológicos, criminológicos e do direito.

OBJETIVOS: Refletir sobre as possibilidades e limitações de trabalho científico advindas do encontro entre psicanálise e outros campos de saber a partir da experiência de análise da construção dos questionários da pesquisa interdisciplinar **Curso de vida e trajetória delinquencial**.

METODOLOGIA: Foram analisados os seguintes materiais: (a) o projeto de pesquisa, mais especificamente, seus pressupostos e instrumentos metodológicos; (b) as elaborações surgidas nas reuniões do grupo de pesquisa e nos momentos de orientação; (c) as construções que decantam do estudo teórico de textos pertinentes à temática para problematizar o encontro entre os saberes e campos na pesquisa supracitada.

QUESTÕES SOBRE O ENCONTRO ENTRE PSICANÁLISE E OUTRAS DISCIPLINAS: Causou-nos estranhamento que algumas das questões propostas no questionário, referente à fase 2 da pesquisa, pareciam deixar pouco espaço para a voz dos sujeitos. Entendemos que discutir o processo de construção das perguntas de uma pesquisa é uma temática que nos é cara, pois, conforme Debieux (2010, p. 182), “mais do que pelo tema e lugar, a pesquisa em psicanálise se define pela maneira de formular as questões”. Soma-se a isso o fato de que a demanda do pesquisador em psicanálise deve ser suficientemente ampla para propiciar ao entrevistado modos possíveis de formular sua própria resposta (Costa; Poli, 2006), isto é, de uma maneira realmente singular. Mas como pensar tal problemática em uma pesquisa marcada pelo encontro (Gurski, no prelo) entre a psicanálise e outras disciplinas, tal como a sociologia, cujas concepções de método e de objeto são, por vezes, tão distintas?

EFEITOS PRELIMINARES DESTE ENCONTRO - PSICANÁLISE e SOCIOLOGIA:

A pesquisa psicanalítica tem características distintas de outras abordagens científicas, sobretudo por levar em consideração em sua investigação conceitos fundamentais como, por exemplo, a hipótese do inconsciente, a associação livre, a atenção flutuante e a transferência. Em comparação com o campo sociológico, lidamos, também, com concepções díspares de objeto. De modo sintético, podemos dizer que enquanto o objeto sociológico é o indivíduo (aquele que não é dividido) social, psicanálise trabalha com a concepção de sujeito (barrado e que fala a partir de um laço discursivo). Reconhecendo essa diferença fundamental, tentamos produzir formas de diálogo entre os campos de conhecimento. Nessa direção, tratando do questionário que nos foi apresentado como instrumento da pesquisa, reproduzimos abaixo algumas das questões originais formuladas, sobretudo, pelo olhar do campo sociológico:

26. O que mudou na sua vida quando você foi pai/mãe?

80. Acontece com qual frequência você perder o controle e fazer algo que não queria?

Essas são exemplos de questões importantes no contexto da pesquisa, mas que, pelo modo como foram formuladas, operam um certo achatamento das possibilidades de escuta da experiência dos participantes da pesquisa. No encontro com esses tensionamentos e com o intuito ampliar as condições de emergência do sujeito, sugerimos algumas mudanças nas perguntas do questionário:

26. Como foi para você a experiência de se tornar pai/mãe?

80. Você costuma perder o controle e acaba fazendo algo que não gostaria de ter feito?

Tomando como exemplo a pergunta 26, a mudança que propomos retira o teor de antecipação que já afirma que houve uma mudança na vida após a paternidade, abrindo espaço para se falar de tal experiência mais livremente. Na mudança da pergunta 80, propomos algo similar, deixando em suspenso que a experiência de perda de controle seja familiar ao jovem e/ou inequivocamente ligada a sua trajetória delinquencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Se, por um lado, como aponta Almeida Filho (1997), a falta de compartilhamento de linguagem e de estruturas lógicas e simbólicas dificulta a plena colaboração entre pesquisadores de áreas distintas; por outro, esse encontro abre possibilidades que nos permitem ir além, produzir “furos” por onde é possível vislumbrar novas questões, novas hipóteses. Nesse sentido, a formulação de perguntas que se aproximem das condições de uma fala pautada pela associação livre, concepção fundamental para a emergência do sujeito, foi incorporada na adaptação do questionário. Acreditamos que essa é uma contribuição ao campo na medida em que pode incidir sobre aquilo que escapa à análise sociológica e criminológica; também se pode adensar os efeitos de uma pesquisa que considera a dimensão do sujeito para o campo social.

ALMEIDA FILHO, N. Transdisciplinaridade e Saúde Coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva*. v.2, n.1-2, p.5-20 1997.

COSTA, A.; POLI, M. C. Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, v.19, n.188, p.14-21, 2006.

GURSKI, R. (no prelo). Psicanálise e Socioeducação: efeitos de um encontro. *In.*: Gurski, R. & Pereira, M. (Orgs.). **Quando a psicanálise escuta a socioeducação**. Porto Alegre: Editora UFRGS.

ROSA, M. D.; DOMINGUES, E.. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, v.22, n1, p.180-188, 2010.